

Se acompanharmos a evolução da poesia de Guilherme de Almeida desde os primeiros sonetos do *Nós*, chegaremos a concluir que essa evolução foi no sentido da afirmação inconteste de sua propria individualidade. E ella deu-se de tal modo que já hoje se pode dizer sem receio de errar, do auctor do *Era uma vez...* que é um dos nossos poetas mais originaes.

Ha dias, falava-me elle aqui no Rio sobre o perigo das rodinhas literarias que vão fatalmente ao ponto de matar a personalidade do auctor. E Guilherme preza como poucos essa personalidade. Segue o natural progresso da poesia que foge a pouco e pouco a todas as regras consuetudinarias sem razão de ser. Poder-se ia até chamal-o futurista, desde que se considere o futurismo não como uma simples escola-sinha com regras fixas e inviolaveis, acepção demasiado estreita, que o proprio Marinetti já condemnou em uma celebre entrevista concedida ao *Tempo*, mas como uma exaltação da originalidade.

Maior exagero commetteu no outro dia Menotti Del Picchia, appellidando de futurista ao equilibradissimo Henri Barbusse! O proprio Mario de Andrade que, creio, se diz futurista ou pelo menos é tido como tal, em um dos seus interessantes artigos publicados no *Jornal do Commercio* de S. Paulo sahio-se com uma da mesma laia, quando disse que Max Jacob o celebre cubista que escreveu *Phanerogame* e *Le Cornet à Dés* tambem é futurista!

Demais não chegamos a affirmar positivamente que Guilherme seja um futurista ou pelo menos um futurista como os outros. E' apenas um original, um raro, aqui está. Além disso, foi notando, naturalmente, como já o tinha notado o futurista Boccioni, a incoherencia de existir um publico moderno na vida e passadista em arte que attingiu a feição nova, tão caracteristica no «Era uma vez...» A vida moderna com todas as suas necessidades e creações palpita nos seus versos como nunca se viu. E os taxis, os telephones, os fox-trots, os jazz bands, etc. . . etc. . . surgem nellas a cada passo. E é sob esse aspecto que a nova obra de Guilherme

podia ser chamada futurista. Veja-se por exemplo estes versos:

*Entre couros e mica o amor inatingivel
roda pela cidade. Uma noite insensivel
vai enflando o collar de globos côr de lua
na longa perspectiva electrica da rua.*

*Roda a carruagem... Roda enquadrando a
silhueta
dupla de um beijo no crystal. A luz violeta
das estrellas artificiaes cortada no alto
pelos platanos, faz futurismos no asphalto...*

etc. . .

E' preciso saber-se que se trata de scenas communs na Paulicéa. A da projecção da luz dos «globos côr de lua» sobre o asphalto, atravez dos galhos de platano, é muito conhecida de nós paulistas.

Outra feição original da poesia de Guilherme é a sua expontaneidade. Não direi simplicidade, que a simplicidade nem sempre é o ideal da poesia, mórmente quando significa vulgaridade ou burguezismo. Tambem expontaneidade não fica lá muito bem, mas é preferivel. Quero referir-me á quasi ausencia dos grandes arremessos politicos e tambem dos pequenos, dessa certa eloquencia infallivel nas poesias, desde Homero, uma cousa que se não póde explicar porque ainda se não inventou uma palavra que exactamente a exprimisse.

Paul Fort aboliu a forma poetica mas conservou alguma cousa que os tratados de metrificação não trazem e que os poetas usam a despeito disso. Guilherme faz o contrario agora. Não usa esse quasi «alguma cousa» e entretanto conserva a forma poetica, seja o verso regular, seja o verso livre.

Pierre Louys, prefaciando o primeiro volume das *Balladas Francezas*, frisava bem que os poemas de Fort exigem não só a dicção do verso, mas a da prosa rythmada. Os poemas de Guilherme supportam uma dicção mais approximada da do verso, embora se não perceba quasi isso. Elle proprio os recita como se estivesse conversando. E muitas vezes são simples conversas que elle aproveita, dando forma poetica, o que lembra um pouco certas *chansons* de Maeterlinck. E' o processo empregado por Guilherme Apollinaire em um de seus mais bellos poemas—*Les Femmes*

Não dvidamos que haja muito quem por aqui não supporte o modernismo flagrante do «Era uma vez...»; o publico quasi sempre é mau juiz e principalmente um publico que ainda devora Julio Dantas. Mas esperamos ardentemente que desta vez não o seja.

Sergio Buarque de Hollanda



Guilherme de Almeida